

IP

Instituto
de Psicanálise
da Bahia

LAPSUS

PUBLICAÇÃO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA
2011

BA

Editorial

Lapsus chega a sua edição número sete e com ela já somamos vinte e um textos produzidos sobre os mais diversos temas. A escrita em psicanálise é a matéria prima e a razão da existência deste Boletim e, para muitos que aqui se lançam neste desafio faz renovar nossa aposta na sua importância para criação do novo, movimento criativo que a escrita produz.

Freud, em *Escritores Criativos e devaneio* (1907), interroga sobre este processo perguntando-se de onde o escritor criativo retira seu material e como consegue nos impressionar e até mesmo nos emocionar; vai buscar uma resposta na comparação que faz entre o trabalho do escritor criativo com o brincar de uma criança, supondo que a obra literária, como o devaneio, é uma continuação ou substituto, do que foi o brincar infantil, ou seja, uma forma de não abdicar ao prazer que obtinha antes na brincadeira, criando assim um mundo próprio, impulsionado por desejos insatisfeitos que buscam realização.

Se para Freud o processo criativo vem para dar conta daquilo que se evidencia como lacuna, para Lacan, o processo da escrita toma uma vertente similar, quando, em *Lituraterra*, descreve a literatura como uma “acomodação de restos”, restos estes transmitidos pela escrita revelando algo da dimensão fundadora do inconsciente.

Talvez seja este o grande desafio da produção escrita, suportar adentrar num universo imprevisível, desconhecido, pronto a ser desvelado a cada palavra. Clarice Lispector, em um trecho do livro *Um sopro de vida*, soube muito bem traduzir a implicação da escrita com esta marca do sujeito: “Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto - e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio extremamente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada

das palavras: as palavras que digo escondem outras - quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no fundo do poço”.

Nesta edição, apresentamos a segunda parte da Conferência de Cristina Vidigal, proferida em Salvador em setembro de 2011 e, publicamos também, excelentes trabalhos apresentados no Núcleo de Psicose: o texto de Luiz Mena, um caso clínico que trata da erotomania e o texto de Simone dos S. Abadia que aborda as diferenciações e similaridades entre o gozo feminino e o gozo na psicose. Na janela Cultural Anderson Viana tece seus comentários sobre o filme Shame; na Janela Informativa trazemos indicações do que acontece no IPB e, uma poesia que faz referência ao amor sacrificial encerra nossos trabalhos nesta edição.

Boa leitura!

Ethel F Poll

SUMÁRIO

EDITORIAL

Ethel F. Poll 1

TEXTOS

Conferência “Adolescência e Sexualidade nos dias atuais” 3

Cristina Vidigal - II Parte

Fernanda Dumet e Ethel F. Poll - Edição

Entre je t’aime bien e je t’aime: um caso de erotomania 5

Luiz Mena

O gozo feminino, a loucura e a psicose 7

Simone Abadia

JANELAS DO LAPSUS

Janela Cultural 9

Anderson Viana

Janela Informativa 10

Rogério Barros

POESIA 11

Não me move, meu Deus, para querer-te

Autor Desconhecido

Conferência “Adolescência e Sexualidade nos dias atuais”

Parte II

Edição - Fernanda Dumet e Ethel Poll

Em Lacan, o termo puberdade não se refere apenas ao aspecto hormonal, mas sim um Real com qual as crianças se encontram na saída da infância. E o que torna este Real particularmente difícil é que a linguagem não diz o suficiente. Quando este Real chega para o animal ele sabe o que fazer, ele tem um instinto. Os meninos e as meninas não, eles tem que contar com um discurso. Estes adolescentes estão tomados pelo despertar de seus sonhos. Sonhos de infância.

Lacadeé no livro “*O despertar e o exílio*” (2007), diz que o adolescente “experimenta em sua carne a dor de todos aqueles que vêm privados de sua língua – de sua língua de infância – que sustentava a identificação constituinte de seu ser e o sentimento de vida”. Para que o sujeito construa esse ponto de onde ele tem que inventar uma solução própria espera-se que ele possa se encontrar com um “ser responsável pela autenticidade de sua presença, um ser que sabe se haver com o seu gozo e demonstra como conseguiu haver-se com ele”. Trata-se do ponto que tem

uma identificação como a do ideal do eu, onde trata se de encontrar “o gosto pelas palavras” e com isso afastar a mancha negra, “real insuportável e indizível”, que pode se depositar quando um sujeito toma a palavra e em sua análise dá o testemunho do que ele mesmo era e das vias pelas quais essa dor se apaziguou.

Pouco antes de 68, Lacan debruçado sobre o avesso da via contemporânea subscrevia a evidencia em que sobre matéria de sexualidade as coisas mudaram muito, a sexualidade perdeu algo do gozo clandestino e transgressivo.

Entretanto, a pretensa liberdade sexual dos meninos e das meninas mascara uma defesa. Descrevemos cada vez mais os jovens fixados aos seus blogs, seus MSNs, sua tela onde se negocia e se programa o não – encontro. Não o encontro impossível, mas indiferença quanto a ele, como forma moderna de *non rapport*: falar pouco, faze-lo por acaso, tirar o mínimo de consequência possível.

Acontece outra coisa do que o uso do gozo devido à pretensa

facilidade de acesso ao corpo do parceiro. Nenhuma experiência da verdade. Aqui a sexualidade “faz buraco na verdade”. Mais que uma arte de viver *new age*, a indiferença dos jovens é apenas uma defesa contra este vazio; um sintoma então.

Além do mais, este tema foi amplamente confirmado pela experiência analítica com adolescentes. Contrastando com a doxa mediana sobre o mito da permissividade. O fosso entre sexo e o sentimento é aqui elevado ao máximo. A relação sexual entre meninos e meninas frequentemente descrita com crueza, denota a falta das mediações convenientes, dos semblantes dos discursos instituídos. Não se trata de verdade; desta vez a sexualidade faz buraco no Real.

A dimensão de gozo na mulher desarranja a equação que o sujeito tinha montado para dar um sentido aos semblantes de cortesia que garantiriam o acesso a uma mulher. Agora ele tem que levar em conta algo que está na dimensão do Outro, que estava fora do seu esquema, e ele, então, se angustia.

O tempo da adolescência é um tempo de rearranjos. As fantasias na infância que sustentavam seu sentimento de vida, o sentido que davam a sua existência serão seriamente abalados e interrogados. Ela será o

tempo de constituição de um novo sintoma e de certa maneira uma reorientação do fantasma.

Freud aponta que a mutação da sexualidade na adolescência muda a teoria simplista da sexualidade infantil. A resposta construída através da significação fálica que sustentou a posição infantil até então será abalada. Ela não funciona frente à nova convocação do gozo. Principalmente para o sujeito pós-moderno onde é menos pelo brilho fálico do que pelo seu estatuto de resto, que ele irá se orientar.

Lembremos que Eric Laurent no seu texto “*Existe final de análise para crianças*” (1994) dirá; “neste sentido todos somos abortos de um desejo, o que ficou de um desejo que nos sustentou.”.

A pergunta que a criança formula para si mesma é: o que minha mãe deseja? Para esta pergunta existe uma resposta, ainda que a criança a encontre ao preço de uma neurose. Trata-se de que o sujeito tenha construído suficientemente um fantasma que anima com a versão do objeto que dispões segundo a idade que tem. Significa que o sujeito se separa do campo de gozo da mãe e não oferece seu corpo para ser o ponto condensador do gozo dela. Esta separação é feita

através das construções de ficções. Assim Lacan, não anula a teoria fálica, mas, coloca o Nome - do- Pai como constituindo o valor fálico. Este valor fálico tipifica a criança no sexo, dá a criança uma orientação sobre o sexo.

Na adolescência começa a declinação, no sentido verbal da pergunta que se formula para aqueles para quem a castração é condição da sexualidade, que seria a de Freud: o que quer a mulher? Aqui precisamente não há resposta, o significante falta. É a questão do desejo da mulher que conduz à dimensão da ausência e significante no Outro. O significante falta no Outro.

Encontramos o adolescente inicialmente diante desta falta e diante

da falta estrutural formulada por Lacan “não há relação sexual” onde as articulações infantis já não funcionam, mas onde acima de tudo a precariedade que restou do que falhou em ser construído no tempo da infância apresenta seus maiores estragos. A sexualidade feminina situa-se no centro do debate cuja melhor resposta seria levar o sujeito a responsabilizar-se pelo seu gozo.

Toda a questão é que se reconhece a dificuldade de uma transmissão quando os pais, “estas verdadeiras crianças”, se apresentam como sujeitos que estão longe desta formulação de saberem sobre seu gozo e se responsabilizarem por isso.

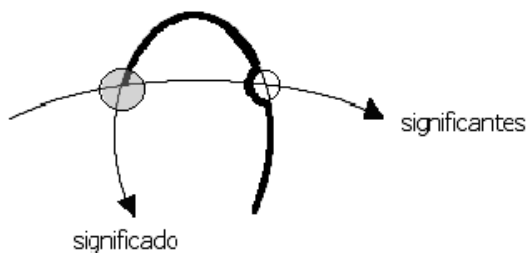
Entre *je t'aime bien* e *je t'aime*: um caso de erotomania

Luiz Mena

Stephanie denuncia a ficção do Código, insistindo em desvelar a distância fictícia entre “gostar e amar”, “*je t'aime bien* e *je t'aime*”, ironizando a falta do Outro na insuficiência do simbólico. Contudo, tal manobra a deixa vulnerável à sua própria demanda de amor, em seu retorno invertido sob a forma persecutória.

A partir do relato de um caso clínico acompanhado na instituição belga *Le Courtil*, procuramos mostrar como a demanda de amor pode se tornar excessiva ao próprio sujeito, no caso da psicose.

A pontuação de uma frase, estabelecida pelo Código e sancionada pelo Outro, decide o sentido de uma frase. A manipulação da língua pelo

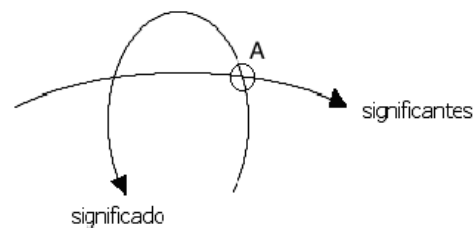


psicótico, em sua busca por sentido, pode levá-lo a inventar formas diferentes de lidar com o furo do sentido, às vezes criando uma nova língua (como Daniel Tammet), às vezes novos significantes (como Schreber), mas também novas conexões entre os significantes e novas pontuações. Stephanie produz uma nova pontuação entre minha frase e a dela, recusando a tentativa de introduzirmos o Outro da Lei e de submetemos sua mensagem ao Código. Essa pontuação, este deslizamento de sentido que ela executa em minha frase, produz uma nova mensagem que não tem a sanção do Outro do código. Da forma “je t’aime” a “je t’aime bien”, a nova pontuação produz “Je t’aime!”, “Bien!”, como uma resposta do Outro que aprova, autoriza, e que rapidamente passa a impor, obrigar, vigiar, deixando o sujeito acuado frente a um Outro desregrado e voraz.

Miller, na “Conversation d’Arcachon”¹, se utiliza do grafo para

compreender a subversão psicótica da linguagem. Sua proposta é a de separarmos o ponto A do Código em “Campo do Outro” e “Outro da Lei”, explicando que o psicótico fala, corta a seta no ponto A como “tesouro de significantes”, mas o contorna enquanto “Outro da Lei”. Diz ele:

Essa seta encontra o campo do Outro, porque o sujeito dispõe do léxico e da gramática. Ele fala, não é um sujeito mudo, mas a garantia central, o fundamento do campo do Outro, está como afundado [...]



Se nós seguimos a conceitualização que Lacan propunha à época, o campo do Outro, tal como o catálogo que se inclui a si mesmo, comporta o significante que o designa [...] Aqui, o que falha é o significante do campo do Outro como “Outro da lei”. Há uma espécie de contorno deste ponto, o que faz com que, assim que ele fala, não está fundado, e ele mesmo não está nem mesmo seguro de falar [...] Correlativamente, produz-se, no lugar do significado, uma perturbação [...] Digamos que o contorno do ponto ao nível do significante do Outro impede a emergência do sentido. (p. 190-191)

Deste modo, procuramos compreender o curto-circuito de sentido

¹ IRMA (1997). La conversation d’Arcachon. Agalma-Le Seuil, Paris.

executado por Stephanie, em sua busca por sentido, mas que ao mesmo tempo impõe-se a ela como uma injunção do Outro: “Não é culpa minha”, ou “eu escuto Midnight Oil o tempo todo agora porque você gosta”. A erotomania,

nesse sentido, pode ser entendida como um retorno dessa mensagem sobre o próprio sujeito, que, na ausência de um ponto de capiton no Outro do Código, vira vítima da própria demanda de amor.

O gozo feminino, a loucura e a psicose

Simone dos S. Abadia

As mulheres em várias passagens da história foram nomeadas como seres de má índole, indiscretas, instáveis, rebeldes e muitas vezes loucas. Essa manifestação do excesso feminino aponta as implicações que a constatação de que “*A mulher não existe*” (contribuição de Lacan), pode causar na nomeação de uma mulher e sua relação com o Édipo e o Inconsciente.

A existência do falo como único organizador psíquico tanto para meninos e meninas, assinala uma falta de inscrição no inconsciente do que seja uma mulher.

Essa falta estrutural promove essa tendência feminina a ultrapassar as barreiras impostas pelo falo como organizador e moderador de gozo. A fórmula da sexuação demonstra isso: “[...] o que aparece, de um lado, como

falta, revela-se, de outro, como sem limite”.²

Miller ao analisar esse excesso feminino o relaciona com a loucura, dizendo:

“Um gozo que pode ser intolerável, mas que tem um elo com a loucura e com a mulher,... Pode-se sempre buscar esse ponto de gozo especial e excessivo, nos loucos”.³

É justamente este gozo que se aproxima da loucura, que Lacan aborda o conceito de Gozo suplementar, um gozo para além do falo, infinito e não localizável que prescinde das condições da linguagem.

Por não fixar o sujeito ao seu corpo, as consequências advindas desse gozo feminino podem provocar nas mulheres sentimentos como falta de identidade, incompletude radical,

² MILLER, 2003, p. 25.

³ MILLER, 1997, p. 70.

momentos de ausência de si mesmo, fragmentação ou perda do controle corporal.⁴

O gozo suplementar parece ser um estado de êxtase, sem sentido, que interfere na nomeação de uma mulher e em todos os semblantes utilizados para isso. É uma clara demonstração de que a mulher não existe.

Na psicose estes fenômenos também são observados, e ganham uma proporção desmedida invadindo de gozo o corpo do sujeito. A despersonalização, fragmentação, por exemplo, são vivenciadas como realidade para um sujeito que não foi possível construir-se pela lógica fálica.

Schreber é um exemplo clínico da falta de um significante que o permitisse situar como um homem na classificação dos sexos. A consequência desta posição a-sexuada leva-o a tornar-se a mulher que falta aos homens, situando delirantemente desse lado. É o que Lacan denominou como empuxo a mulher, “[...] *este efeito de feminização do louco, traduzindo a forclusão do Nome-do-Pai*”⁵

Existe nas mulheres, como nos psicóticos, algo desorganizado, “desbussolado”. O quadro a seguir

indica essas aproximações e diferenciações:

Gozo do Outro	Gozo Outro	Gozo Fálico
<ul style="list-style-type: none"> • Gozo por excelência dos psicóticos; Objeto de gozo do Outro no real; Psicoses ordinárias; Fenômenos elementares 	<ul style="list-style-type: none"> •Presente nos neuróticos Gozo Suplementar: o sujeito para ter acesso ao gozo suplementar seria necessário estar ancorado no falo 	Neuróticos: mulheres/homens.
Excluído na neurose, por ter consentido a castração.	<ul style="list-style-type: none"> •Excluído na psicose: O gozo psicótico aproxima-se do gozo suplementar, mas não tem a significação fálica como sustentação. 	<ul style="list-style-type: none"> •Excluído na psicose; Negação da castração; Forclusão do NP.

O quadro resumidamente descreve que os gozos são distintos devido a estrutura clínica e a posição de cada ser na fórmula da sexuação.

No caso da mulher, Lacan não tardou em chamar esse gozo feminino de “louco e enigmático”, justamente porque, como na psicose, desconhece os limites da função fálica, permanecendo fora do tratamento que a linguagem propícia em termos de castração e localização de gozo. Embora se experimente no corpo, o gozo feminino não é experienciado como próprio, mas no corpo como uma exterioridade que não faz todo.

Enfim, essa intrusão, invasão de gozo evidência que na mulher não há como se ver começo nem fim.⁶

⁴ MILLER, 1993, p. 84.

⁵ MILLER, 1997, p.70.

⁶ Cecília Meireles

JANELAS DO LAPSUS

Janela Cultural

Anderson Viana

Shame é o segundo filme de Steve McQueen recentemente em cartaz nas salas de cinema da cidade. Tão impactante quanto o primeiro, este filme não pretende contar uma história com início, meio e fim. Trata-se de um recorte no tempo na vida de duas pessoas comuns vivendo na Nova York contemporânea. Brandon, vivido pelo ator Michael Fassbender, é mais um executivo bem aparentado, típico cidadão nova-iorquino. Surpreendido pela chegada inesperada de sua irmã, Cissy, uma linda cantora desconhecida, personagem de Carey Mulligan, Brandon tem sua rotina alterada.

A convivência por um tempo no apartamento de Brandon os coloca refém do olhar do outro revelando para o espectador o sofrimento das personagens que passam a tentar falar de si para o outro. Entre poucas palavras mal ouvidas, os sinais de que as coisas não andam muito bem para ambos aparecem descortinando aos poucos o pano de fundo presente, a pulsão de morte. O filme tem na trilha sonora a tão conhecida “New York, New York” de Frank Sinatra, cantada em outra

versão. O convite a gozar que a música inspira vira uma canção triste na voz de Cissy, cena imperdível. O “*It’s up to you*” nesta outra versão é transformado num lamento que revela nosso desamparo frente à possibilidade de gozar de qualquer lugar no que experimentamos hoje como uma desordem simbólica. Como afirma Éric Laurent em seu texto sociedade do sintoma, o declínio do ideal se acompanha das exigências de gozo. Entretanto, a questão não é mais a culpa em relação ao ideal. O sujeito é *light* e já está aliviado, nas palavras do autor.

Resgatando Milan Kundera num famoso romance de 1984, afirma, essa leveza é insustentável. Como suportar a inconsistência do outro, sua ausência de garantias, sem ceder ao imperativo de gozo? O filme fala deste colapso no mundo contemporâneo. Vale a pena conferir!



Janela Informativa

Rogério Barros

Núcleo Psicanálise e Direito

Tema: A Lei no Século XXI

Linhas de investigação: 1 - O Pai e Lei, 2 - O Declínio da Função Paterna, 3 - Culpabilidade/Responsabilidade na Ordem Simbólica do Século XXI, 4 - A

Família e a Lei no Século XXI, 5 - Os Fora da Lei

Coordenação: Lucy de Castro

Horário: quarta-feira, das 18h30 às 20h00 (quinzenalmente)

Seção Clínica

Teoria da Clínica – comentários teóricos sobre material clínico

Datas: 31 de maio –12 julho- 09 agosto -13 setembro

Coordenação – Bernardino Horne

Horário: quinta-feira, das 20h00 às 21h30 (mensalmente – a partir de maio)

Curso Suplementar – Sintoma

Módulos: Introdução ao tema: o sintoma de Freud a Lacan // O sintoma em Freud //O sintoma e sua relação com a ISA// Clínica Borromeana: os nós – Sintoma e Gozo

Coordenação: Bernardino Horne e Analícea Calmon

Horário: terça-feira, das 19h00 às 21h00

Valor: 06 parcelas de R\$ 250,00 (à vista 10% de desconto).

Início: 03 de abril de 2012

Cursos Breves

Coordenação: Sônia Vicente

Como ler o sintoma no mal estar atual

Maria Rosário Rego Barros

Data: 25-26 de maio

Clínica Borromeana

Nieves Soria Dafunchio

Data: 27-28 de julho

A clínica da Psicose

Guilherme Bellaga

Data: 14-15 de setembro

Valor: R\$ 95,00 e R\$ 50,00 (para participantes do IPB, alunos especialização e praticantes CPCT)

Encontro Nova Rede Cereda

Dando continuidade a uma série que foi iniciada nos Encontros Brasileiros, teremos no dia 22 de novembro, o 3º Encontro da NRCEREDA com o tema “A angústia e seus efeitos”.

Comissão organizadora: Cristina Vidigal – Fátima Sarmiento

Local: Hotel Pestana

Horário: das 08h00 às 15h00

Conversação dos Institutos

No dia 22 de novembro de 2012 acontecerá a 4ª Conversação Clínica dos Institutos do Campo Freudiano no Brasil, que terá como tema “O fracasso em psicanálise: no ensino, na pesquisa, nas instituições e a diferença clínica”.

Comissão Organizadora: Analícea Calmon (coordenadora), Mario Nascimento e Paulo Gabrielli.
Consultor: Bernardino Horne
Local: Hotel Pestana
Horário: das 16h00 às 19h00.



Poesia

NO ME MUEVE, MI DIOS, PARA
QUERERTE¹
(Autor desconhecido)

No me mueve, mi Dios, para quererte
el cielo que me tienes prometido,
ni me mueve el infierno tan temido
para dejar por eso de ofenderte.

Tú me mueves, Señor, muéveme el
verte
clavado en una cruz y escarnecido,
muéveme ver tu cuerpo tan herido,
muévenme tus afrontas y tu muerte.

Muéveme, en fin, tu amor, y en tal
manera,
que aunque no hubiera cielo, yo te
amara,
y aunque no hubiera infierno, te
temiera.

No me tienes que dar porque te quiera,
pues aunque lo que espero no esperara,
lo mismo que te quiero te quisiera.

NÃO ME MOVE, MEU DEUS, PARA
QUERER-TE
(Tradução para o Português)

Não me move, meu Deus, para querer-
Te
O céu que me tens prometido,
Nem me move o inferno tão temido
Para deixar por isso de ofender-Te.

Tu me moves, Senhor, move-me ver-Te
Cravado em uma Cruz e escarnecido,
Move-me ver teu Corpo tão ferido,
Movem-me tuas afrontas e tua morte.

Move-me, enfim, o teu amor, e de tal
maneira,
Que a não haver céu, ainda Te amara,
E a não haver inferno Te temera.

Nada tens que me dar porque Te queira,
Pois mesmo que eu não esperasse o que
espero,
O mesmo que Te quero Te quereria.

¹ Tem havido tentativas de atribuição deste soneto a um ou outro autor, sem que a crítica tenha comprovado a autoria. Talvez São João da Cruz ou Santa Teresa de Jesus (Sec.XVI). A atribuição aos dois Carmelitas corresponde ao tema do amor altruísta, muito presente naqueles Santos.

Este soneto, pela sua perfeita execução, aparece como um modelo em todas as grandes antologias, pelo que Don Marcelino Menéndez Pelayo o incluiu na sua obra Cem Melhores Poemas do idioma espanhol. (Fr. Ángel Martín, o.f.m.)

Convidamos os participantes do IPB a compartilharem com LAPSUS suas idéias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail de LAPSUS: lapsusibp@gmail.com

Submissão de Trabalhos:

- O texto deverá vir com título, nome do autor e devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte, Times New Roman, tamanho 12 e o espaçamento entre linhas 1,5.

*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

EQUIPE LAPSUS

Anderson Viana, Ethel Poll, Julia Solano Rogério Barros e Wilker França

Consultores: Bernardino Horne e Ricardo Cruz

Contato: e-mail: lapsusibp@gmail.com